

Pessoas em situação de rua: da força física e moralidade

People in street situation: physical strength and morality

DOI:10.34117/bjdv7n4-429

Recebimento dos originais: 10/03/2021

Aceitação para publicação: 16/04/2021

Juliano Batista dos Santos

Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino no Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT

Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU
julianojbs@gmail.com

José Serafim Bertoloto

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT

Licenciado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
serafim.bertoloto@gmail.com

Alyne Ramos de Campos dos Santos

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade de Cuiabá – UNIC

Bacharel em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
alynercs@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um estudo *in loco*. Baseia-se, sobretudo, na observação dos corpos das pessoas em situação de rua em Cuiabá, mais precisamente da população que vive na Região Centro Norte da capital mato-grossense. O texto, elaborado em uma linguagem simples e de fácil compreensão, traz duas funções corporais utilizadas como táticas de sobrevivência nos espaços públicos urbanos. Artimanhas sutis que operam como dispositivos sorrateiros contra à ordem e estrutura excludentes. Subversões à maneira de existir que, mesmo incapazes de compensar a ausência de um lar, dão aos moradores de rua a possibilidade de estar no mundo. Uma transvaloração dos valores de si indispensáveis a quem vive perambulando pelas ruas e praças das cidades.

Palavras-chave: Cuiabá, Espaços públicos, Moradores de rua, Corpos, Subversão.

ABSTRACT

The present work is the result of an on-site study. It is based, above all, on the observation of the bodies of people living on the streets in Cuiabá, more precisely the population that lives in the Center North Region of the capital of Mato Grosso. The text, written in a simple and easy to understand language, brings two bodily functions used as survival tactics in urban public spaces. Subtle tricks that operate as sneaky devices against exclusionary order and structure. Subversions to the way of existing that, even though unable to compensate for the absence of a home, give homeless people the chance to be

in the world. A revaluation of the values of self indispensable to those who live wandering the streets and squares of the cities.

Keywords: Cuiabá, Public spaces, Homeless people, Bodies, Subversion.

1 INTRODUÇÃO

Pedro: *Cria vergonha na cara!* – Escuto isso direto professor. (Caderno de campo, setembro de 2018).

População de rua, pessoa em situação de rua, morador de rua. Muitas são as denominações, nomenclaturas e estereótipos. Em comum o sentido de viver em si, no próprio corpo sem a proteção de paredes e tetos. Estar nas ruas implica em estar só, em se ver só, não apenas nos rastros da solidão, como pensados por Pais (2006), mas principalmente no sentido de ter que aprender a sobreviver para conseguir viver frente aos riscos e ameaças diárias próprias das ruas nas urbes.

À frente dos desafios à sobrevivência nas ruas, está o corpo. Única propriedade que não pode ser furtada. Ele dita, conforme sua estética, os caminhos e táticas de resistência à subversão da ordem vigente. Os corpos possuem, no coletivo-social, “poderes” e influências diferentes. Porém, uma vez nas ruas, todos eles, antes protegidos pelos lares, reconfiguram-se, ganham formas e afeições próprias; um processo de transformação definido como rualização.

Neste capítulo daremos ênfase a duas funções corporais empregadas à vida nos espaços públicos urbanos: o cabide e o excessivo. Artimanhas sutis indispensáveis à população de rua que, em alguma medida, aprendeu a viver com pouco ou quase nada e a conviver com a invisibilidade e indiferença. Condições de existência que exigem resiliência e adaptação ao *modus operandi* em que se encontram.

2 CORPO CABIDE: O MÍNIMO AO INDISPENSÁVEL É MUITO PESADO

O conceito de corpo cabide, aqui empregado, refere-se aos corpos das pessoas em situação de rua que, nos espaços público urbanos, carregam consigo objetos. Por vezes, o corpo cabide é tomado como sinônimo de suporte. Todavia, há de se ter cuidado quanto ao entendimento dos termos. Suporte pode ser interpretado de dois modos: como sustentação de algo físico (a exemplo de um mancebo para pendurar chapéus) ou como resiliência, no sentido de adaptação às dificuldades (dor, medo, fome).

A associação de significados comuns das palavras cabide e suporte ocorre em razão de ambas, em nossa cultura, estarem ligadas a algum tipo acessório, de peça, de instrumento utilizado para pendurar casacos, camisetas, calças, blusas, paletós, vestidos. Tomá-las como sinônimos em nosso cotidiano não ocorre por acaso. Se pensarmos que o cabide é um objeto que opera como suporte, no sentido de servir como apoio, de segurar, de guardar, de deixar organizado, dentro de um espaço, coisas e coisinhas, úteis ou não, a sobreposição quanto ao entendimento de ambos os termos é coerente e adequada.

No presente texto, cabide e suporte são considerados como vocábulos distintos. Utilizaremos o termo cabide em virtude de sua maior precisão ao que vamos tratar: a força física em si, isto é, a capacidade que cada morador de rua tem de transportar o que é capaz de carregar nas mãos, em carrinhos improvisados ou de supermercados, ou sobre a cabeça, ou preso à cintura, ou amarrado nas pernas e pescoço, ou dentro da “boroca”, um tipo de invólucro onde se coloca os pertences.

A boroca (galo ou papo de ema) é uma extensão dos corpos das pessoas em situação de rua; ela se adapta a eles, é parte integrante de seus corpos, assim como a corcunda do personagem Corcunda de *Notre Dame*. As borocas costumam ser mochilas, bolsas, malas e sacos improvisados. Podem ser qualquer coisa com capacidade para guardar e transportar pertences (Cf. Figuras 1 e 2).

Os sacos improvisados geralmente são sacolinhas de supermercado, sacos de lixo, de ração, de arroz ou açúcar. Há também sacos maiores, com volumes variados. Os de cem litros são preferidos, tanto pela questão do tamanho quanto pela resistência posto que são confeccionados com fios de *nylon* (sacos de rafia), ou fios de algodão cru, ou de plástico grosso. Outros tipos de galo, menos comuns, são: sacolas de palha e caixas (de papelão, plástico ou madeira).

Figura 1 – Borocas de saco e mochila.



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Figura 2 – Borocas de mochila.



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Peso *versus* força, útil *versus* inútil, necessidade *versus* vitalidade, volume *versus* distância... “aonde ir?”, “o que levar?”, “o que trocar?”, “o que abandonar?”, “o que esconder?”, “o que pode ou não fazer falta hoje ou amanhã?”. Muitas são as questões e decisões que as pessoas em situação de rua precisam enfrentar. Perguntas que não podem ser ignoradas e devem ser respondidas o quanto antes, uma vez que a cada novo dia, a cada nova dificuldade, a cada novo objeto incorporado ao corpo, o que realmente importa não são a comodidade e o conforto e sim a sobrevivência. Não que os bens materiais sejam dispensáveis; em regra, não são. É só observarmos quanta coisa temos em nossas casas, algumas úteis e tantas outras supérfluas.

Ao morador de rua não resta outro recurso se não carregar tão-somente o que conseguir, e não o que deseja ou necessita. Nas ruas a força física individual (ou do casal) é o limite ao peso e volume dos bens materiais anexados ao corpo. Da mesma forma como o cabide de um guarda-roupa. Quando colocamos algo pesado demais, ele entorta ou se quebra. Assim também são os corpos cabides. A eles, preservar a vitalidade, é imprescindível se se quer continuar com energia e disposição às lutas diárias.

Não ter forças para carregar bens materiais não é lá uma coisa tão grave; é por isso que vemos com frequência nos espaços públicos das urbes moradores de rua sem nenhum pertence, às vezes apenas com as roupas do corpo, ou menos que isso. Todavia, não ter forças para correr atrás do básico à sobrevivência: proteção, nutrição, hidratação, higiene e descanso, equivale a se entregar à própria sorte.

Poderíamos supor, ao olhar um morador de rua e seu papo de ema, que lá dentro só tem o necessário, o indispensável, o imprescindível à preservação de sua vida. Mas

não é bem assim. No cotidiano, nossas vidas não se reduzem a regras universais, a arquétipos rígidos e inflexíveis; nem mesmo às necessidades que nos custariam a própria vida se delas abrissemos mão. Vale lembrar que existem coisas bem piores do que a morte (EPICURO, 1988).

Para Maffesoli (2008), o mundo das sensações é o lugar das exceções. Nas sombras, as exceções são regra. Uma contradição em relação a teoria das ideias de Platão (2004) que busca reduzir tudo e a todos a dois pontos, sempre antagônicos: sim e não, verdadeiro e falso, correto e incorreto. Binarismos que não contemplam nem mesmo a matemática quando considerados os números irracionais. Irracionalidade que, diga-se de passagem, é inerente ao dia a dia das pessoas, afinal quem nunca tomou uma decisão contrária a lógica da razão e no fim das contas descobriu que tal escolha foi, entre tantas, a mais adequada?!

Nem sempre a questão da sobrevivência se sobressai. Para nós seres humanos há objetos demasiadamente valiosos. Não apenas no sentido econômico, mas também em afetos, isto é, que nos fazem lembrar de entes queridos, de lugares marcantes, de acontecimentos inesquecíveis; recordações de tempos outrora maravilhosos, tempos de alegria e abundância, tempos que não voltam mais e, por isso, devem ser guardados, recordados, preservados. Pergunto por quê? Alguns moradores de rua respondem:

Mineiro: *Tenho até hoje uma flor que peguei no quintal de casa quando vim morar nas ruas* [pega uma folha de papel A4 e mostra] (Cf. Figura 3) (Caderno de campo, maio de 2016).

Carioca: *Carrego um monte de coisa que não presta pra nada. Nem sei porquê. Às vezes faço um 'limpa' [na boroca] e joga um monte de coisa fora. Nem me lembro porque guardei aquilo. Mas, sempre carrego comigo o terço que minha mãe me deu* (Cf. Figura 4). *Fica aqui no meu pescoço, olha. É pra me proteger, sabe?!* (Caderno de campo, junho de 2016, grifo nosso).

Mané: *Tenho um desenho de minha netinha* (Cf. Figura 5). *Filha de minha filha. Mora em São Paulo. Mas eu não as vejo tem muito tempo* (Caderno de campo, outubro de 2018).

Figura 3 – Flor.



Fonte: Acervo do autor, 2016.

Figura 4 – Terço.



Fonte: Acervo do autor, 2016.

Figura 5 – Pai e Filha.



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Carregar sobre e/ou no próprio corpo os pertences pessoais, úteis ou não, demanda energia física e controle psíquico. Quando o corpo ou a *psiqué* cede às pressões, o morador de rua pode vir a ter/sentir, o que eles definem como “recaída”, não somente no sentido de retomar vícios ainda não superados, especialmente o alcoolismo, mas principalmente no sentido de, por alguns instantes, momentos, dias, semanas, ou meses, ficar “avariado”, em estado de loucura ou ausência da ciência de si, dos outros, dos fatos, das percepções do que está a ocorrer ao redor.

É como se o eu se perdesse de si mesmo; desprendendo-se da consciência de existir no mundo, ele mergulha na infinitude de seu inconsciente para viver em outro lugar. Um lugar bem melhor, onde os loucos são livres e vivem sem as amarras e amarguras do universo exterior. Um mundo cujo estranho é normal, o ilógico é lógico e o contraditório faz todo sentido, pois o significado das coisas não é imposto pela razão; ao contrário, ele se dá por si só, pela emoção de ser o que se quer, de fazer o que se gosta, de experimentar o que se deseja, de pensar em absurdos que ali se realizam sem nenhuma dificuldade, empecilhos, indagações e/ou impedimentos.

Sobre a loucura tenho minhas dúvidas. Até que ponto somos normais? Ou antes disso: o que é normalidade? O que é loucura? Quando a desobediência, a subversão, a má educação, e a negação dos costumes coletivos são confundidos ou considerados como loucuras?! Seria a loucura um estado de ser do indivíduo, ou um comportamento anormal frente ao social? Não sei ao certo. Para os filósofos a loucura está na irracionalidade. Para sociólogos está na anomia. Para os psicólogos está na *psiqué*.

Tantas são as perguntas e respostas, e pouquíssimas são as conclusões e esclarecimentos satisfatórios. Deixo, então, de tentar entender os loucos e suas loucuras para escutá-los apenas. “Nem tudo é pra ser entendido. Permita-se sentir”, escutei por aí. Conselho que vai ao encontro do que escreve Belchior em sua canção *Alucinação*, álbum

de mesmo nome, gravado em 1976. Talvez o cantor e compositor pretendesse, de maneira indireta mas enfática, alertar-nos que a vida não se reduz à racionalidade e logicidade. Que os afetos, as loucuras, os erros, os sentimentos, as emoções – coisas banais e inexplicáveis –, também são partes de nossas vidas e que, às vezes, devemos negar a razão para nos sentirmos mais humanos, como sugerido em seus versos:

Eu não estou interessado / Em nenhuma teoria / Nem nessas coisas do oriente
/ Romances astrais / A minha alucinação / É suportar o dia-a-dia / E meu delírio
/ É a experiência / Com coisas reais / Um preto, um pobre / Uma estudante /
Uma mulher sozinha / Blue jeans e motocicletas / Pessoas cinzas normais /
Garotas dentro da noite / Revólver, cheira cachorro / Os humilhados do parque
/ Com os seus jornais / [...] / E a solidão das pessoas / Dessas capitais / A
violência da noite / O movimento do tráfego / Um rapaz delicado e alegre /
Que canta e requebra / É demais! / [...] / Mas eu não estou interessado / Em
nenhuma teoria / Em nenhuma fantasia / Nem no algo mais / Longe o profeta
do terror / Que a laranja mecânica anuncia / Amar e mudar as coisas / Me
interessa mais / Amar e mudar as coisas / Amar e mudar as coisas / Me interessa
mais (BELCHIOR, 1976).

Voltemos às questões mais reflexivas sobre a palavra cabide. Agora para pensarmos em termos etimológico e cultural. De acordo com léxico da língua portuguesa (FERREIRA, 2004), cabide é um substantivo masculino que, dado sua polissemia, possui ao menos cinco sentidos possíveis. Se considerada em sua origem, segundo a filologia, os entendimentos mais usuais na contemporaneidade são: “que prende”, “que segura com firmeza”, “que sustenta algo”, “que serve para pendurar”, “coletor” (BORBA, 2004).

Em nossa cultura a peça cabide, independentemente de sua matéria ou forma, tem finalidade utilitária: contribuir para organizar uma variedade de objetos humanos, de maneira a ordená-los nos ambientes doméstico e comercial, deixando-os à mostra e/ou à disposição para quando precisarem ser (re)utilizados. Uma ferramenta que apesar de singela, quando presente dentro dos espaços privados, opera como uma espécie de plano cartesiano a ordenar o que deve ficar (ou não) guardado, pendurado, suspenso.

Nas ruas, o cabide, como funcionalidade dos corpos, mantém sua utilidade. Contudo, ele deixa de ser imóvel e inanimado, como nas residências, para se tornar movente e parte do esqueleto humano. Nos espaços públicos da cidade, portanto, as pessoas em situação de rua, entregues à sorte, têm tão-somente o corpo para guardar e transportar seus bens. Algo nada fácil! Alguns chegam a carregar de cinco a vinte quilos, por três, dez, quinze quilômetros ou mais por dia. Um esforço e tanto para quem vive em condições subumanas, desnutrido e muitas vezes sem água potável para ingerir.

Se não bastasse a redução do ser ao nada, da civilidade à indignação, da preservação da intimidade à sua completa exposição, os moradores de rua, não importa qual, em algum momento de sua trajetória, se verá obrigado a decidir entre o que carregar e o que deixar para trás. Nas ruas perder, abandonar, trocar, vender, doar e emprestar objetos materiais, faz parte do dia a dia. Uma prerrogativa que é dada pela condição em que se encontram e cuja sobrevivência é ditada mais pela ocasião do que pela necessidade. Quer dizer, a escolha do que levar e dispensar dependerá das variáveis em jogo, sempre influenciadas pelo momento presente: cansaço, peso, libido, vício(s), espaço(s), territórios(s), ameaça(s), dívida(s) etc.

3 CORPO EXCESSIVO: A INTIMIDADE EXPOSTA A ESTRANHOS

[Relato 1] *Praça da República. Lado inferior direito. Mais precisamente no canto com elevado plantado de grama, bem ao lado do cruzamento da esquina da Rua 13 de Junho com a Avenida Presidente Getúlio Vargas. Uma mulher, moradora de rua. Aparentemente na faixa dos quarenta anos e com suas faculdades mentais comprometidas. Não é a primeira vez que a vejo. Sua presença é comum no Centro Norte. Todavia, é a primeira vez que a observo. Nas outras vezes em que a vi, ela estava de passagem. Parada sob a sombra das árvores, ela conversa sozinha. Está de cócoras. Ora quieta, ora impaciente mexe em suas coisas espalhadas pelo chão. Para e grita. Olha ao redor como se estivesse vigiando, procurando algo. Pega sua boroca, uma sacola daquelas retornáveis, comuns às donas de casa nas feiras e mercearias. Dela tira um marmitex embrulhado em alumínio. Está todo amassado. Com a tampa, ela improvisa um talher, no formato de colher, e come apenas o que lhe interessa. Entre uma ingestão e outra, ela sorri, brinca, fala, gesticula e às vezes chora. São lágrimas acompanhadas de soluços e sons de lamentos perturbadores. Uma explosão de sensações e sentimentos de aflição. Pensei: quanta dor! Por quê?! Difícil entender e mensurar. A refeição continua. O que não é de seu agrado, joga fora, logo à frente e em meio aos demais objetos pessoais, entre os quais muitas sacolinhas. Após se saciar, ela vira os restos de comida sobre a grama, leva à mão dentro da boroca e retira uma pequena penca de bananas. Come apenas duas. As demais são colocadas no chão junto à comida que sobrou. Em seguida, senta-se na grama e começa a amassar e a misturar tudo com os pés. Quem vê a cena, expressa nojo e incômodo por meio de caretas. Outros gesticulam negativamente com os braços e cabeça em um claro sinal de repulsa e reprovação. Ela, entretanto, parece feliz e mais calma. Um tanto serena, arrisco dizer. Em um outro mundo talvez! Quem sabe?! De repente, em seu imaginário, está sentada sobre pedras com os pés mergulhados num lago tranquilo, em um lugar cheio de boas lembranças (Caderno de campo, abril de 2016).*

[Relato 2] *É demasiadamente cedo. Um 4 horas da manhã de uma sexta-feira. Uma das raríssimas vezes que chego tão cedo ao Centro Norte. Deixo a moto em frente à Catedral. Vou em direção à marquise dos correios na Praça da República. Estou a procurar Mineiro. Pedi para acompanhá-lo em sua rotina diária. Chego ao baixio onde costuma dormir, ele está me esperando. Saímos a pé em direção ao Choppão. Não havia ao certo uma rua ou avenida*

aonde passar. O percurso deu-se por meio de 'olhinhos' ou 'golpes de vista'¹ à procura de amontoados de lixos em lixeiras, em caçambas ou colocados nas calçadas. Cada um de nós segurava um saco preto nas mãos. Eu não mexo no lixo. Apenas o Mineiro. Estou ali mais para observar, envolvendo-me o mínimo possível em sua atividade laboral. Gastamos pouco mais de uma hora no trajeto. Eu estava exausto. Mineiro não. Apesar de mais velho (de 58 a 60 anos²) e da aparência física frágil, seu corpo demonstrou um preparo físico muito acima do meu.

[Relato 2.1] Ao chegar na Praça 8 de Abril, ao lado do Choppão, encontramos com mais pessoas em situação de rua. Algumas estão dormindo, outras estão em rodas de cachaça. Ali bebem, gritam, dão gargalhadas, fazem movimentos de capoeira, brincam e brigam. O número de mulheres presentes é significativo. Nas ruas elas são minoria. Entre e em meio aos homens, elas falam alto, discutem entre si, dançam e se insinuem sexualmente; um tipo de provocação à libido que desperta o interesse dos homens. Eles se encostam, empurram-se, cochicham, sorriem e tentam passar as mãos nos corpos delas que, ora deixam, ora não. Em sentido dionisíaco, todos parecem estar embriagados, sem controle, em um estado de alucinação tão elevado, que seus hábitos, ações e comportamentos, ignoram a realidade, a moral e os costumes existentes; estão imersos em um universo onírico, paralelo e maravilhosamente belo, mas cuja lógica, aos olhos de quem está de fora, representa horror, causa espanto, gera preconceitos. São animais, ouço. Então, indago-me: animais ou humanos cuja humanidade foi, é e continua a ser negada?!

[Relato 2.2] Ainda na Praça 8 de Abril, um ato prende minha atenção. Percebi que atrás de um dos bancos, o que fica do lado esquerdo do coreto, um casal de moradores de rua pratica relações sexuais. Não estão nus e tentam disfarçar com papelões. Quando algum transeunte passa por perto eles param, riem e, em seguida, continuam. Depois de um tempo, encerram tudo. O parceiro se levanta e vem outro. Uma nova relação sexual se inicia, agora com outro homem. A cena se repete com quatro homens ao todo. Um de cada vez. Tudo muito rápido. Não sei dizer se houve uso de preservativo, mas ficou claro que nas ruas as mulheres estão sujeitas a um maior rodízio de parceiros. Tempos depois entendo o porquê. Elas usam o sexo como moeda para proteção, alimentação, bebidas e outras drogas.

[Relato 3] Centro Norte. O dia está nublado. Aproveito para caminhar. Em minha mente faço um breve planejamento aonde ir. São lugares em que posso encontrar moradores de rua. Por alguma razão eles estão sumidos das praças centrais. Também percebo que não há hippies e os ambulantes são poucos. Penso: algo está acontecendo! Saio da Praça da República em direção à Praça Alencastro, depois à Praça da Boa Morte, à Praça da Mandioca e ao Beco do Candeeiro. Não encontro nenhuma pessoa em situação de rua. Nem mesmo os usuários que ficam sentados na Rua Galdino Pimentel próximo à Igreja Nosso Senhor dos Passos. Refaço em minha mente um outro e novo trajeto. Coloco-me em direção à Praça Maria Taquara e à Praça Ipiranga pela Avenida Tenente Coronel Duarte (ou Av. da Prainha, como é popularmente conhecida em Cuiabá). Quando estou próximo a Avenida Generoso Ponce começa a chover. Refugio-me em uma loja de venda e concerto de instrumentos musicais. Nela existe também serviços de copiadora e uma pequena lanchonete aos fundos, que dá saída à Rua Antônio João. Em questão de minutos a avenida se enche de água e enxurradas se formam. Pessoas correm pra um lado e outro a fim de se protegerem. Na contramão dos transeuntes, quatro moradores de rua brincam na chuva. Estão felizes! Mesmo molhados, abaixam-se para com as mãos, no formato de conchas,

¹ Para Pais (2001, p. 381, grifo do autor): "O golpe de vista traduz faro, sagacidade, precisão, finta, esperteza. Ter olhinhos ou golpe de vista é um poder (saber) que se traduz na capacidade de sintetizar o conhecimento de tudo o que se passa".

² Mineiro oscila sobre sua idade. Ora diz ter 58, ora diz ter 59, ora diz ter 60 anos.

jogar água uns nos outros. Talvez há muito esperam por um banho. Não parecem preocupados com doenças. Por que estariam?! – questiono-me imediatamente. Eis que, em seguida, lembro dos quatro remédios da alma propostos por Epicuro (1988) à felicidade³. Inquieto digo a mim: ‘Apenas os observem’. Observei eles e os transeuntes que os observavam também. Os comerciantes e pedestres pareciam incomodados; como se a liberdade daqueles moradores de rua, em alguma medida, afrontasse os limites postos pelas convenções coletivas sobre o que é prudente, permitido, salutar e aceitável, por um lado, e o que é e/ou deve ser evitado, reprimido, repudiado e reprovado, de outro. Regras e mais regras que nós, ditos cidadãos de bem, por estarmos devidamente disciplinados e domesticados, nos submetemos, mesmo que isso nos entristeça (Caderno de campo, março de 2018, grifo nosso).

Os relatos supracitados são algumas das experiências que vivi *in loco* com os moradores de rua em Cuiabá. Logo nas primeiras tentativas de contato, antes mesmo de estabelecer aproximações e relações, um turbilhão de indagações e sensações sobre o que estava a observar, à distância, incomodara-me profundamente. Não sabia ao certo o que pensar e nem o que sentir. Uma confusão tomou conta de mim. Procuro me acalmar. Para tanto, penso nos conceitos filosóficos de *thauma* (ou admiração) em Platão e de *pathos* (ou espanto) em Aristóteles (MARCONDES, 2008).

Paro! Respiro, reflito e me acalmo. Apelo ao *ethos* e ao *logos* para refletir sobre as minhas perturbações. Chego, ainda no início da pesquisa, a uma conclusão fundamental. Uma que vai me acompanhar a partir de então, como um tipo de postulado à compreensão do que se observa ou se quer observar, a saber: os moradores de rua – seus hábitos e aparência – são excessivos em si (subjetivamente) e para si (objetivamente).

Ao reconfigurar seus corpos como meio de adaptação e sobrevivência à condição de população de rua, seus moradores, em alguma medida, rompem com os fatos sociais vigentes, isto é, com as regras que guiam a vida dos sujeitos em sociedade. Regras que, teoricamente, devem proporcionar aos concidadãos um ambiente em que todos coexistam, independentemente de suas vontades, escolhas e descenso (QUINTANEIRO, 2002). Ecologia social que, para dar certo e ser supostamente harmônica, exige respeito aos limites que separam o eu do outro, o privado do público, o moral do imoral; em síntese, a casa da rua (GUATTARI, 1990).

Para DaMatta (1986, p. 19, grifo do autor) “a casa se exprime numa rede complexa e fascinante de símbolos que são parte da cosmologia brasileira, isto é, de sua ordem mais profunda e perene. [...] a casa demarca um espaço definitivamente amoroso onde a

³ Os remédios para a alma ser feliz são: 1º não temer pelo castigo dos deuses; 2º não se preocupar com a morte e o pós-morte; 3º saber que o bem é possível de se alcançar; e, 4º reconhecer que os males da vida não são difíceis de suportar. Todavia, o sucesso dos remédios depende de duas ações indissociáveis: não se preocupar sobre e/ou com a vida futura e jamais se voltar à vida política.

harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem”. Nos espaços públicos, comum aos cidadãos, a lógica é outra. Está-se diariamente em guerra. A rua é “o mundo exterior que se mede pela ‘luta’, pela competição e pelo anonimato cruel de individualidades e individualismos”. Nela, todos se movimentam, disputam, empurram-se. Ainda, segundo DaMatta (1986, p. 21, grifo do autor), por tudo isso:

[...] o universo da rua – tal como ocorre com o mundo da casa – é mais que um espaço físico demarcado e universalmente reconhecido. Pois para nós, brasileiros, a rua forma uma espécie de perspectiva pela qual o mundo pode ser lido e interpretado. Uma perspectiva, repito, oposta – mas complementar – à da casa, e onde predominam a desconfiança e a insegurança. Aqui, quem governa não é mais o pai, o irmão, o marido, a mulher e as redes de parentesco e amizade que nos têm como uma pessoa e um amigo. Ao contrário, o comando é dado à autoridade que governa com a lei, a qual torna todo mundo igual no propósito de desautorizar e até mesmo explorar de forma impiedosa. Todos sabemos, por experiência respeitável e profunda, que na rua não se deve brincar com quem representa a ordem, pois naquele espaço se corre o grave risco de ser confundido com quem é ‘ninguém’. E entre ser alguém e ser ninguém há um mundo no caso brasileiro. Um universo ou abismo que passa pela construção do espaço da casa, com seu aconchego e sua rede imperativa de relações calorosas, e o espaço da rua, com seu anonimato e sua insegurança, suas leis e sua polícia. Daí porque, na rua, tendemos a ser todos revolucionários e revoltados, membros destituídos de uma massa de anônimos trabalhadores.

O problema é que ir da casa à rua equivale a jogar no público valores e comportamentos próprios de espaços recônditos, privados, fechados. Quando não se tem residência, hábitos culturais e fisiológicos (ou da natureza orgânica dos homens) passam a ser exercidos em locais inadequados e inapropriados. Por mais que se busque e se esforce para preservar a privacidade de si, do corpo, do casal e dos costumes restritos aos lares, nas ruas, em algum momento, o íntimo e a intimidade se revelam, afloram-se, são expostos. Nasce de um lado o feio e o abjeto (corpo excessivo), para quem olha e, do outro, a vergonha de quem é olhado, subjugado, coisificado.

A transformação do corpo dócil em corpo excessivo não se dá de maneira abrupta, rápida e explosiva. Existe um processo de transformação, de reconfiguração para a adaptação dos corpos às ruas. As mudanças dão-se voluntariamente (mesmo que contra a vontade, afinal não fazemos apenas o que queremos) e por influências, tanto do meio quanto das condições em que se encontram. Em outras palavras: quando alguém se vê na rua, como um sem-teto, desamparado e entregue à própria sorte, tem-se o início da gestação de um novo ser cujo nascimento dependerá do período necessário ao desenvolvimento de sua capacidade de sobrevivência. Um tipo de aprendizado denominado de “rualização”.

O processo de rualização ocorre por modelizações (ou rupturas) (LOTMAN, 1996): na mente (transvaloração dos valores), nas ações e na aparência (corpos excessivos). Embora todos os três ocorram simultaneamente, o ponto de partida à rualização está na alteração da estrutura e modo de pensar dos recém-chegados às ruas. Mudanças de paradigmas que operam como matriz e guia às ações de sobrevivência nos espaços públicos das urbes que, aos poucos, vão gravando-se nos corpos de seus moradores, donde a origem de uma aparência feia, desagradável, indesejável e excessiva; imagem que afronta o ideal de beleza, ofende a concepção de vida saudável e incomoda o social coletivo pelo simples fato de existir.

Os ritos de iniciação à vida adulta, em algumas sociedades primitivas, explicam, por fragmentos de verossimilhança, o que acontece com os corpos dos moradores de rua. Como uma neotribo, só que das/nas sociedades complexas (MAFFESOLI, 2008), os iniciados à situação de rua também são submetidos a frequentes sofrimentos que, no dia a dia, operam como mecanismos de aprendizado, isto é, de socialização a sociabilidade em espaços quase sempre hostis. Sobre isso, Clastres (2003, p. 201, grifo do autor) nos esclarece que:

[...] depois da iniciação, já *esquecido* todo o sofrimento, ainda subsiste algo, um saldo irrevogável, os *sulcos* deixados no corpo pela operação executada com a faca ou a pedra, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: no ritual iniciático, *a sociedade imprime a sua marca no corpo* dos jovens. Ora, uma cicatriz, um sulco, uma marca são indeléveis. Inscritos na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor pode não ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e de terror. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança – *o corpo é uma memória*.

Ser morador de rua e externar a(s) aparência(s) de pessoa(s) em situação rua são coisas praticamente indissociáveis. Não há como ter e levar nas ruas uma vida como nas residências. Possuir marcas das ruas nos corpos, por mais que se lute para evitá-las, é impossível. Nas ruas, “a sujeira e o asfalto aderem à pele mais exposta [...]. Ela fica encardida e acaba por se confundir com os cobertores cinzas e com mau cheiro. Em alguns casos, o grau do encardimento propicia o mimetismo com as ruas, e gera um efeito ambíguo de repulsão e esquecimento” (FRANGELLA, 2009, p. 164). É claro que quanto mais asseado for o morador de rua, menor são as possibilidades de ele ser visto como um indigente e, conseqüentemente, maiores são suas chances de arranjar bicos, evitar preconceitos, coerções e repressões policiais.

Os corpos dos moradores de rua são excessivos em razão de travestir o público em privado ao praticar nesses espaços o que normalmente é restrito aos espaços domésticos. Ações que existem e são cotidianamente realizadas por todos nós, mas que, em virtude de tabus, devemos esconder, fingir não existirem e mantê-las em segredo, preferencialmente sob um teto e entre quatro paredes. Refiro-me aqui a atos simples, embora culturalmente impactantes quanto efetuados em público: evacuar, urinar, transar, masturbar, ficar nu, trocar de roupa, brigar, discutir, gritar, tomar banho, cozinhar em latas nas calçadas, pegar coisas das lixeiras, comer restos de alimentos descartados (às vezes estragados), beber água acumulada em poças e sarjetas, drogar-se etc. Não por acaso, para Rodrigues (2005, p. 39):

O excesso é uma das características dos moradores de rua. Eles caminham pelas ruas em busca do imediato, através de algum trabalho ou através da prática da mendicância, ou mesmo por meio de furtos conseguem dinheiro para comer, para beber ou para comprar drogas. A vida gira em torno da sobrevivência imediata. [...] Há [...] uma inversão do padrão civilizatório adotado pela modernidade. A vida do morador de rua não segue movimentos contínuos. As ações consideradas como rupturas do cotidiano, como ser preso, adoecer, viajar são incorporadas a sua dinâmica de vida. Eles apenas vivem o imediato, embrenham-se na cidade como se esta fosse uma floresta.

Os corpos da população de rua são uma construção advinda de sua condição de vida. Sua composição, aparência e hábitos dá-se a passos variados. A realização, portanto, é um processo individual, muda de indivíduo para indivíduo e tem ligação direta com as questões de gênero, idade e raça. O certo é que aos poucos o excesso é introjetado nos corpos de seus moradores. Não há como escapar. Pode-se até amenizá-lo, mas impedi-lo jamais. Ora ou outra os excessos vão aflorar, não somente por imoralidade ou afrouxamento às regras, mas principalmente porque hábitos restritos à vida privada emergem em lugares públicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos que moram, vivem e perambulam pelos espaços públicos das urbes, a casa é o próprio corpo. A cidade é o seu quintal e os baixios seu alpendre. Os corpos, sob um teto, têm uma dissolução bem mais lenta que os corpos expostos ao léu e privados das benesses de um lar. Nenhum corpo com residência fixa se dissolve mais rápido que os corpos desabrigados. O corpo, ao se tonar o lugar da existência de si, sente, diretamente em sua pele e ossos, o que é/deve (ou ao menos deveria) ser contido por muros, paredes, telhados, grades, portas e janelas.

Há, contudo, profundas diferenças, não só na comparação da vida dos corpos nas ruas *versus* nas casas, mas também de uma casa para outra. As casas não são iguais, muito menos às relações privadas que nelas ocorrem. Sua proteção, conforto, privacidade, higiene, lazer, afetos, entretenimento, espaços, quantidade de refeições e tipos de alimentos dependem de uma série de fatores: o número de membros, renda familiar, bairro, região, cidade, educação, transporte, segurança etc.

Para DaMatta (1986, p. 15, grifo nosso), há, nas cidades brasileiras,

[...] um nítido movimento rotineiro. Do trabalho para casa, de casa para o trabalho. A casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres, velhos e crianças. [...] Uns fazem o percurso casa-rua-casa a pé; outros seguem de bicicleta. Muitos andam de trens, ônibus e automóveis, mas todos fazem e refazem essa viagem que constitui, de certo modo, o esqueleto da nossa rotina diária. Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação.

Às pessoas em situação de rua, o corpo é a única certeza material; à sua casa. Todo o restante são possibilidades de aquisição. O termo propriedade está condicionado a sua posse. Nas ruas perder, trocar, abandonar, emprestar ou ter objetos pessoais roubados, é uma constante, por isso a importância de mantê-los junto ao corpo, como uma espécie de extensão de si mesmo, aos moldes de um corpo cabide que carrega tão-somente o que é capaz de levar consigo.

O grande problema é que ao colocar corpo como a primeira e última fronteira à sobrevivência nos espaços públicos urbanos, ele se dissolve, se desvanece, se deteriora mais rápido do que quando em ambientes domésticos. Aos poucos os sinais de uma vida nas ruas vão/são nele registradas, conferindo-lhes a aparência de indigente, de mendigo, de pedinte, de morador de rua. De sujeito preguiçoso, acomodado, vagabundo e oportunista. Um bandido em potencial.

A pele encardida, o olhar perdido, o cheiro desagradável, os cabelos sujos, os pés machucados e/ou o tronco e membros esqueléticos são marcas corriqueiras de seus corpos. O que não significa que estão presentes em toda a população de rua. Longe disso. Significa que ao ingressar em um lugar, território ou condição de vida nova, diferente da anterior, adquire-se características próprias, típicas dos sujeitos que ali vivem. É inevitável a influência do meio sobre os nossos corpos, mentes, comportamentos, hábitos e ações. A endoculturação se dá tanto pela cultura quanto pelas situações, ocasiões e ecossistemas em que estamos inseridos.

Os corpos, portanto, reconfiguram-se (ou são configurados) conforme as pressões sociais, econômicas e naturais do ambiente. Mesmo que se lute contra estereótipos e características típicas do grupo social a que se pertence, algumas de suas marcas, aparências e símbolos serão/ficarão registrados nos corpos, mentes e/ou atos de seus pares. Não há como escapar das influências ao redor. No caso dos corpos dos moradores de rua, errantes urbanos por excelência, dissolver-se é a sua condição *a posteriori*. Nas palavras de Frangella (2009, p. 64, grifo do autor): “O corpo do morador de rua é [...] marcado como um corpo abjeto contra o qual o ‘público’ luta a fim de reafirmar o sentido aparentemente unívoco do corpo saudável e bonito”.

REFERÊNCIAS

- BELCHIOR, Antônio C. Alucinação. In: BELCHIOR. *Alucinação*. Rio de Janeiro: PolyGram Brasil, 1976. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 1.
- BORBA, Francisco S. (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. Trad. Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- EPICURO. *Antologia de texto de Epicuro*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção os Pensadores).
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2009.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- LOTMAN, Yuri. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Frónesis, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- PAIS, José Machado. Jovens “arrumadores de carros”: a sobrevivência nas teias da toxicodependência. *Revista Análise Social*, Lisboa-Portugal, v. 36, p. 373-398, 2001.
- PAIS, José Machado. *Nos rastros da solidão*. Deambulações Sociológicas. 2. ed. Lisboa: AMBAR, 2006. (Enciclopédia Moderna Sociologia).
- PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- QUINTANEIRO, Tania. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria L. de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia G. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- RODRIGUES, Lídia V. B. Pimentel. *Vidas nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade*. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.